

A LINGUÍSTICA APLICADA NA ESPANHA, NA HISPANOAMÉRICA E NO BRASIL: PERSPECTIVAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS

Rosineide Guilherme da Silva¹

Resumo: Nas últimas décadas, a Linguística Aplicada tem adquirido avanços consideráveis e relevantes no sentido de melhorar cada vez mais o desempenho das atividades relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem de línguas. Na Espanha ainda os trabalhos apresentam os mesmos objetivos didáticos de ensino do idioma, que correspondem às preocupações iniciais da época do surgimento dessa ciência/disciplina, porém com interesses socioeconômicos de promoção dessa língua e cultura em âmbito mundial. Com respeito à América Hispânica, embora os incentivos econômicos para a pesquisa e desenvolvimento na área não se equiparem aos da Espanha, já se observam ações concretas de inclusão relativas às variedades linguísticas da região, em publicações recentes para o ensino do espanhol. Já no Brasil, com a LAC (Linguística Aplicada Crítica), além de se pensarem melhorias nos aspectos didáticos também se está dando atenção a questões sociais e de formação humana, visando provocar melhorias também na realidade do aprendiz.

Palavras chave: Linguística aplicada. Ensino de ELE. Perspectivas metodológicas.

Abstract: In the last few decades, the Applied Linguistics has acquired a lot success and relevance in the payment of activities related to the process of language education-learning. In Spain works still present the same objectives didactic that correspond to worries of the beginning of that science/discipline, but with social and economic interests of promotion of that language and culture, in world field. With respect to Hispanic America, although the economic support for investigations and development in the area are not matched to Spain, concrete actions of inclusion are already observed relating to the linguistic varieties of the region, in recent publications for the education of the Spanish. However, in Brazil, with the LAC (Critical Applied Linguistics), also to seek improvements in the didactic aspect also social questions are being considered and of human training, endorsing to cause improvements also in the reality of the apprentice.

Keywords: Applied Linguistics. Education of ELE. Methodological perspectives.

1 A LA NA ESPANHA E NA AMÉRICA HISPÂNICA EM GERAL

Desde o seu surgimento, a LA tem logrado maturidade disciplinar em âmbito internacional, tanto do ponto de vista interno, por meio das redefinições que lhe foram atribuindo mais e mais solidez, quanto pela perspectiva externa, com o reconhecimento recebido e a criação de associações e de congressos

¹ Professora da Universidade Federal de Sergipe.

internacionais. Mas, no tocante à panorâmica da LA na Espanha, pelo que pude comprovar através de investigações empreendidas recentemente (2006 e 2007) em universidades, bibliotecas e livrarias espanholas,² naquele país, a LA segue numa perspectiva muito mais didática e de promoção da língua e da cultura espanhola. Ali pude encontrar um material bastante expressivo e atual, publicado em 2007, no qual Manuel Lacorte (organizador) reúne estudos de professores e linguistas espanhóis, hispano-americanos e estadunidenses; porém, com noventa por cento do seu conteúdo refletindo uma preocupação inicial dos primórdios da LA, que se prestava basicamente ao objetivo didático de ensino/aprendizagem de língua e questões de técnicas de tradução. Essa obra, sem dúvida, apresenta algo de inovação e preocupação com a eficácia do aspecto didático, com assuntos que giram em torno da “aprendizagem de espanhol como segunda língua”, inclusive com temas como o da internet em sala de aula, história da língua espanhola, onde inclui o espanhol da América e o contato com outras línguas, espanhol para fins específicos e técnicas de tradução e interpretação. Isso demonstra uma preocupação focalizada no aspecto didático, apesar de alguma alusão a estratégias e recursos recentes de uso global; o que também representa uma notória preocupação e empenho por ganhar espaço e retorno monetário no mercado editorial mundial, com o incentivo e promoção a determinadas editoras. Logicamente, essa postura também se caracteriza como uma reação frente à ameaça que o ensino de Inglês tem representado, desde o próprio surgimento de LA e dessa mais recente leva de globalização que estamos vivendo todos, em maior ou em menor escala, para o bem ou para o mal. Hamel (2004), em entrevista sobre esse tema – conforme destaca García – “califica la política del gobierno español como de ‘Hispanofanía’ diciendo que está basada en una gran unidad, bajo el liderazgo de España y basado en una política de diversidad primordial” (GARCÍA, 2007, p. 396), com relevância para a diversidade espanhola, logicamente.

² Universidad de Granada, Universidad de Valladolid, Universidad Complutense de Madrid, Biblioteca Nacional de Madrid, livrarias de Madrid e da região de Castilla y León.

Ainda segundo considerações de García:

España llega tarde a la modernidad. Por eso pronto se da cuenta de que el reconocimiento de su propio multilinguismo y de su propio mestizaje lingüístico, como ha dicho en más de una ocasión Mauro Fernández Rodríguez (2005), es la mejor opción para que el español quede reconocido como lengua global capaz de captar ventajas materiales. [...] El español para España es, en la globalización del siglo XXI, un arma capaz de brindar enormes ventajas económicas ligándose globalmente con el mundo hispánico, tanto a aquel mestizo y multilingüe de Hispanoamérica que cada día habla más español, como al otro también mestizo de los Estados Unidos que cada día habla más inglés. (GARCÍA, 2007, p. 396)

García Canclini (2001), como também ressalta García,

ha llamado a este proceso de imperialismo lingüístico del español “la rehispanización”: aunque en ella ahora participen tanto los latinoamericanos que quieren independizarse de las corrientes neoliberales del Fondo Monetario Internacional, como los latinos en los Estados Unidos que piensan que el uso del español les va a conceder una voz que en este momento no tienen. (GARCÍA, 2007, p. 396)

Frente a estes comentários e citações, é justo abrir aqui um parêntesis para qualificar o artigo de García, que também é parte integrante da obra organizada por Lacorte, como um exemplo de estudo que aborda, de forma um pouco mais crítica, questões relacionadas com a política do ensino/aprendizagem de idiomas, a partir de uma perspectiva sociolinguística que considera a relação língua e sociedade e suas implicações mútuas. A contribuição de García não se resume apenas a um enfoque linguístico unilateral do ponto de vista didático e pedagógico, mas também atenta para outras problemáticas do contexto humano local e global que interferem diretamente no aprendizado de línguas.

Retomando a situação da LA na Espanha e com base em tudo o que foi apresentado a respeito do interesse direcionado ao ensino de língua como forma de investimento financeiro, somos levados a pensar que essa postura pode estar atuando como uma espécie de freio, que impede o alargamento dos horizontes da LA no país, e bloqueando uma produção teórica mais abrangente que deixe de marcar passo em questões que pertencem à fase de arrancada da disciplina. Isso também impede que se arrisquem olhares para além desse

patamar primário e pouco funcional neste novo século, que já leva quase uma década de existência e aponta, a cada ano com mais urgência, para a necessidade de se dar solução a questões de ordem prática, que exigem múltiplas e variadas combinações conceituais e disciplinares, capazes de solucionar problemas múltiplos nas realidades globais e locais, e que estão compostas por seres igualmente múltiplos, diversos, variados, híbridos, mestiços. Para utilizar uma metáfora mais apelativa, as mudanças hoje quase que acompanham a velocidade da luz, com uma forte tendência a superar este marco de velocidade, subjetivamente falando. Basta observar o planeta em geral e o comportamento dos seus habitantes, que estão determinados por “n” questões, mais ou menos polêmicas, porém que empreendem movimento constante e acelerado, que de uma forma ou de outra, todos precisamos acompanhar.

Apesar da existência da *Asociación Española de Lingüística Aplicada* (AESLA), fundada desde 1983, o que vemos na LA de Língua Espanhola, e que vem sendo demonstrado nos congressos anuais que se celebram, é certo caráter repetitivo dos temas que não ultrapassam em muito o interesse inicial desse campo. Sobre esta situação, Fernández Pérez já advertia, em 1996, quando dizia que

si prestamos atención al panorama de la Lingüística aplicada en España, la situación es bastantes desoladora. En efecto, en nuestro país sólo en los últimos años ha comenzado a cultivarse el campo de Lingüística aplicada y ello en la vertiente de Didáctica de lenguas extranjeras ya que el interés surge de la mano de los dedicados a la enseñanza de lenguas, y más concretamente de aquellos que se ocupan de la enseñanza del inglés, razón por la cual en nuestro entorno el campo disciplinar se ha concebido por lo general en el sentido restringido y unilateral al que antes aludíamos, es decir, identificándolo con la Didáctica de lenguas (como es propio, por otra parte, tratándose de especialistas enmarcados en la tradición británica). (FERNÁNDEZ PÉREZ, 1996, p. 32)

Com efeito, também não podemos deixar de concordar com Pérez que a criação de LA, pensada inicialmente para dar suporte ao ensino/aprendizagem de Inglês, seja um dos fatores que determinam a ausência de um maior impulso à produção dessa disciplina na Espanha e no mundo hispânico em geral. E conforme também destaca

Lacorte: desde 1956, se por um lado o British Concil se propunha a preparar toda uma geração de professores de Inglês como Língua Materna (LM) e/ou Língua Estrangeira (LE), e inclusive de outras matérias neste idioma, por outro lado,

el Center for Applied Linguistics emprendió la tarea de recoger y analizar datos sobre el uso del inglés a nivel local e internacional, como paso previo al diseño y producción de materiales para la enseñanza del idioma y el entrenamiento de personal docente. En ambos casos, los lingüistas asignados a estas labores tuvieron que generar relaciones válidas entre el conocimiento lingüístico teórico y las diversas —e inmediatas— necesidades de profesores y alumnos en diferentes medios geográficos y sociales. Y es de esta manera que, en el contexto del aprendizaje y enseñanza de una segunda lengua, parece originarse la primera característica de la lingüística aplicada, el compromiso de analizar y solventar aspectos prácticos y reales asociados al lenguaje. (LACORTE, 2007, p. 20)

Portanto, não ficam dúvidas de que a LA, no âmbito da Língua Inglesa, deu o pontapé inicial. Com isso, teve mais tempo para percorrer e tomar distância dentro do campo dessa disciplina que, na Espanha, bem como em outras partes do mundo, ainda carece de impulso para poder acompanhar questões sociais, políticas e econômicas que estão se evidenciando no mundo inteiro.

No caso específico da língua espanhola e da Espanha, se, por uma parte, o país se empenha por conquistar o mercado linguístico frente ao ensino/aprendizagem e hegemonia do Inglês, ocasionando uma preocupação e retenção da LA voltada para objetivos sobre tudo didáticos, por outra parte, a chegada do terceiro milênio, com suas novidades sociais e econômicas, está alterando inclusive a demografia mundial. E isso está obrigando a que se tomem medidas para incorporar esses câmbios, que não deixam de ser interesses de todos, independentemente da posição econômica, social ou geográfica que se ocupe.

Está claro que a política espanhola de promoção do ensino/aprendizagem do Espanhol, que se empenha por ganhar mercados como o Brasil e a Grã Bretanha, e os acordos diplomáticos que visam obter consideração oficial de língua de ensino obrigatório, estabelecendo uma política linguística pan-hispânica, têm objetivos empresarialmente determinados. Porém,

en definitiva, el español del siglo XXI ha llegado a un punto en que, una vez asumida su posición como lengua global, mundial o internacional, deberá enfrentarse a múltiples problemáticas en las esferas sociopolítica, educativa, científica y tecnológica que hasta hace poco carecían de especial relevancia. (LACORTE, 2007, p. 27)

E para enfrentar ditos problemas se fará necessário um investimento em pesquisas e uma tomada de decisão que exija visão mais ampliada da comunidade acadêmica, que

se ha mostrado, por lo general y hasta fechas más cercanas, más atraída por la lingüística aplicada al español –con el conocimiento teórico sobre el lenguaje y las lenguas como referente–, que por la lingüística aplicada del español –la descripción, análisis y resolución de retos lingüísticos como referente–. (LACORTE, 2007, p. 28)

Para dar um pouco mais de ênfase ao tema, continuemos a avaliar a opinião desse mesmo autor, quando diz que

esta actitud podría estar relacionada con la falta de hábitos prácticos y pragmáticos en nuestras enseñanzas e intereses, así como con el pobre y limitado entrenamiento en labores de carácter multidisciplinar y experimental, que constituyen en sí vías ineludibles en el análisis de hechos concretos y en las aplicaciones correspondientes. (LACORTE, 2007, p. 28)

A ausência de tradição e as escassas definições da LA também acabaram por gerar uma tendência, mesmo por parte da orientação aplicada do Espanhol, a se inclinar quase que exclusivamente ao âmbito do ensino/aprendizagem, seguindo o modelo anglo-saxônico que motivou a criação da disciplina em meados do século XX. E apesar da LA do Inglês não ter ainda alcançado sua plenitude teórico-prática, o que possivelmente nunca chegue a acontecer, visto que a realidade e os seus componentes estão em constante movimento de renovação,

lo que si podemos afirmar es que la orientación aplicada del español no ha desarrollado aún la misma perspectiva de conjunto que sí se observa en el ámbito británico y norteamericano, ni tampoco los niveles suficientes de *perspectiva práctica, multidisciplinariedad, dimensión comunicativa, mediación teórico-práctica y conducta profesional*, todos ellos rasgos distintivos de la orientación aplicada. (LACORTE, 2007, p. 28)

Considerando os estudos de LA produzidos em todos os países de fala hispânica, além da supremacia conceitual do Inglês, também se enfrentam problemas de desequilíbrio financeiro, inclusive se comparamos os recursos oferecidos pelo Estado espanhol com aqueles disponíveis em outros países hispânicos, ainda que do lado espanhol não esteja caracterizada uma abundância suficiente, até o momento, para recursos nesse sentido. Em certa medida, esse desequilíbrio se deve às já conhecidas “limitaciones económicas que afectan el mundo académico, en especial en el ámbito de las humanidades” (LACORTE, 2007, p. 32). Entretanto, essa questão por si só não

justifica as coordenadas puramente filológicas, nas quais se caracterizam os estudos referentes à língua e ao ensino/aprendizagem de Espanhol, onde a prática tem sido trabalhar muito mais o conteúdo informativo cultural de cada texto ou situação, que se valer dos mais recentes e contextualizados parâmetros científicos da linguística. Como resultado de tudo isso “el escaso apoyo a la lingüística aplicada del español desde el sector editorial abarca tanto libros como revistas” (LACORTE, 2007, p. 32-33). E, conforme ainda analisa este autor, é por esse motivo

que aparte de los últimos –y muy interesantes– proyectos como *Spanish in Context* (John Benjamins), *Revista de Lingüística Iberoamericana* (Vervuert/ Iberoamericana) o *Signos* (Pontificia Universidad Católica-Valparaíso), las únicas publicaciones en español que parecen disfrutar de cierta raigambre son las pedagógicas: *Frecuencia – L*, *Mosaico*, *Tecla*, *Carabela*, *Cuadernos Cervantes de la Lengua Española*, *Materiales*, *Glosas Didácticas*, *Revistas redELE*, *MarcoELE*, etc. Otras, en cambio, se quedaron en el camino: *Signos y Cable* (España), *Spanish Applied Linguistics* (EE.UU), etc. (LACORTE, 2007, p. 33)

Em todo caso, a partir do reconhecimento do idioma espanhol como fator de atividade econômica, a LA do Espanhol começou a dar sinais de mudança e impulso rumo ao futuro. Um exemplo disso é o material elaborado a partir de uma postura mais crítica, abrangente e inclusiva, onde se busca considerar não mais uma perspectiva única e hegemônica de realização do idioma, mas sim, maneiras de abarcar as variedades e diversidades existentes, possíveis, concretas, que compõem o conjunto do idioma que, desde o final do século XV, vem ganhando novas cores e formatos lexicais, sintáticos e contextuais. Já sabemos que estas questões de diversidade não podem ser de forma alguma ignoradas se pretendemos seguir, acompanhar e atender as necessidades humanas em favor da melhoria de todos. Para concluir este ponto, é interessante citar, como exemplo dessa nova etapa de esforço para superar perspectivas preconceituosas e obsoletas, algumas obras que foram pensadas para reunir um conteúdo consensual com a participação das vinte e uma academias de língua espanhola, representativas de cada um dos vinte e um países que têm o espanhol como idioma oficial. Dessa forma, se espera que este seja um bom começo, no intuito de alavancar estudos para uma LA crítica e transgressiva (PENNYCOOK, 1998, 2006), no sentido em que transgride os limites e fronteiras tradicionalmente impostos entre as variedades linguísticas, as diversidades culturais e os temas abordados em diferentes áreas do conhecimento e territórios geográficos. As referidas publicações são: *Ortografía de la lengua española* (com participação de todas as academias),

Diccionario de la lengua española (edição de 2001), Diccionario Panhispánico de dudas, lançado em 2005 e a nova edição de gramática hispânica, lançada em 2007. De qualquer forma, trata-se de um começo que parece de fato apontar para uma trajetória mais crítica e abrangente, no tocante a uso e estrutura da língua, mesmo que sua marca de pênalti esteja localizada ainda no terreno do ensino/aprendizagem do idioma. Enfim, é preciso começar, ou recomeçar, com pretensões de ampliar o campo e as possibilidades de ultrapassar tais limites, estabelecendo uma consonância maior com as necessidades políticas e sociais que o novo milênio nos está apresentando.

O contato mais direto e frequente entre os diversos centros acadêmicos de diferentes países e cidades também representa um caminho para o “proceso de consolidación de la lingüística aplicada del español como disciplina con autonomía propia” (LACORTE, 2007, p. 34). Esta autonomia é o que tem buscado incessantemente a LA brasileira e um grupo de linguistas que, pioneiramente, e talvez impulsionados por uma realidade múltipla e híbrida, vêm construindo teorias com a preocupação de aperfeiçoá-las e adequá-las às necessidades reais e urgentes de mudança de um sistema injusto, onde as oportunidades não são iguais para todos. A seguir, passo a detalhar a nova perspectiva de LA que começa a tomar forma no Brasil.

2 A LA no Brasil, perspectiva atual e futura

Diferente de outras partes do mundo, a LA brasileira não se restringe a ensino/aprendizagem de LE, ainda que as questões relativas à educação linguística tenham grande representação, principalmente, no que se refere ao ensino/aprendizagem do Inglês que, desde sempre, atraiu um grande número de pesquisadores. Foi a partir da percepção da complexidade que envolve a prática de sala de aula de linguagem e sua inter-relação com questões de ordem social, histórica, psicológica, passando necessariamente pelo terreno das outras disciplinas e áreas do conhecimento, que surgiu uma linha teórica interdisciplinar. Então, pelo caminho da interdisciplinaridade, atravessando conhecimentos de outras disciplinas é “que o problema de pesquisa passou a ser construído interdisciplinarmente e a relevância desse enfoque na problematização de questões de uso da linguagem dentro ou fora da sala de aula começou a ser levantada” (MOITA LOPES, 2006, p. 19). Por tudo isso é que, no contexto brasileiro, cada vez se fortalecem mais os estudos de LA. Entre os mais representativos nomes de pesquisadores, teóricos, professores, estão Celani e

Almeida Filho (pioneiros em estudos de LA no país), Moita Lopes, Cavalcanti, Signorini, Kleiman e tantos outros, que têm buscado de forma ininterrupta o aperfeiçoamento dessa área do conhecimento, com vistas a empreender melhorias no modo de concepção e organização da educação brasileira, que acreditamos ser, não a única, mas, uma das principais vias de acesso ao desenvolvimento real de uma nação e a promoção da dignidade de um povo.

Assim que, na prática, o fazer pesquisa em LA no Brasil está buscando alcançar e servir os mais variados contextos de possibilidade de uso da linguagem que, por conta disso, só faz sentido se pensada para construir conhecimento em caráter interdisciplinar; ou ainda como *INdisciplinar*,³ na denominação de Moita Lopes (1998), ou como *antidisciplinar* e *transgressivo*, conforme nomeia Pennycook em 2001 e 2006. Movidos por esta perspectiva e percebendo a vastidão do alcance da LA e suas inúmeras possibilidades de participação na construção do conhecimento, nas mais variadas áreas do saber humano, os pesquisadores acima citados, juntamente com outros linguistas brasileiros e estrangeiros, cujo contato se dá em programas das várias universidades brasileiras e em Congressos da AILA, ALAB e ABRALIN, vêm se organizando e juntando ideias e reflexões para reavaliar conceitos, definições e atuações da LA. O resultado mais recente dessas reflexões e atuações está representado por meio de uma reunião de artigos e conceitos, elaborados por muitos desses estudiosos e organizados por Moita Lopes na forma de um livro lançado em julho de 2006, que além de ser a publicação em LA mais atual do Brasil e uma das últimas em nível mundial, traz em seu bojo uma novíssima proposta de LA. Essa proposição visa integrar temas e preocupações dos campos de estudos culturais, sociais, de gênero e sexualidade, além de teorias socioculturais. Conforme explica o autor-organizador da obra, a partir de debates em congressos interdisciplinares, nacionais e internacionais, ele viu surgir a necessidade de se “pensar uma linguística aplicada (LA) que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e das humanidades” (MOITA LOPES, 2006, p. 14). Analisando e concordando com outros pesquisadores, de postura crítica e inovadora, Moita Lopes aposta que a linguagem tem um papel principal na compreensão e resolução de problemas sociais. Assim, ele acredita no tipo de trabalho em LA que teorize em consonância com o mundo atual e com as necessidades atuais,

³ No sentido de não possuir limites de disciplina, de não ser um conhecimento fechado dentro de uma determinada área.

numa atitude de questionamento de uma LA modernista⁴ que até então vem construindo teorias que, na maioria dos casos, se distanciam da realidade, visto que não partem do problema para criar a teoria que o solucione (como pretende a nova LA), mas antes se ocupam em construir teorias aplicadas/ou aplicáveis de uma forma geral, que não abarcam todas as questões sociais e necessidades humanas de um mundo plasmado de diversidades e características múltiplas, plurais e fragmentadas. Daí a denominação de LA mestiça apresentada por Moita Lopes, que considera antes de tudo a “natureza interdisciplinar/transdisciplinar” da concepção humana (MOITA LOPES, 2006, p. 14).

Portanto, o questionamento entre linguística aplicada e aplicação de linguística, remetendo-nos à preocupação espanhola entre se fazer *linguística aplicada ao* ou *linguística aplicada do* espanhol (LACORTE, 2007), já é uma discussão envelhecida na opinião de Moita Lopes (2006, p. 14), que assume uma postura de crítica as suas próprias concepções e denominações de há mais ou menos dez anos, quando também ainda se detinha nessas especificações sobre a LA. Contudo, ele se propõe a rever seus percursos anteriores de investigação lançando um convite aos que, como ele, queiram ousar rever práticas teóricas da LA modernista para convertê-la em LA contemporânea, voltada a resolver questões contemporâneas, sem permanecer marcando passo em uma era de definições e determinações que já não atendem aos anseios deste início de século XXI. Democraticamente (postura condizente com as reivindicações atuais), o pesquisador esclarece que, com tais reflexões, “não objetiva que todos tenham de optar pelas mesmas escolhas teóricas e metodológicas e seguir uma ‘nova verdade’” (MOITA LOPES, 2006, p. 14), mas apenas propor mudanças que ele julga possíveis na área de LA sem abandonar ou negar o que epistemologicamente foi construído até os dias de hoje e que serviu de suporte e embasamento para se chegar às reflexões atuais. Certamente, sem as construções iniciais, as reformulações que agora são propostas não seriam possíveis e os avanços para os quais apontam Moita Lopes, Pennycook e outros pesquisadores ainda não existiriam.

Na introdução de seu livro, o autor também faz o seguinte comentário: “não se pretende aqui apontar que estamos diante de uma nova ‘escola’ de LA, com princípios explícitos, na qual aqueles que assinam os trabalhos que constituem o volume se encaixem perfeitamente em um quadro bem delineado” (MOITA LOPES, 2006, p. 15). Com esse esclarecimento, o pesquisador pretende argumentar que a LA não precisa

⁴ Aquela que começou a ser teorizada a partir de meados do século XX e que segue até hoje.

nascer de novo, apenas abrir espaço para o caráter heterogêneo, tanto da pesquisa como da vida social, que gera pensamentos heterogêneos por estar, obviamente, organizada de forma complexa e variada. Na prática, nem os pesquisadores nem os demais sujeitos sociais estão obrigados a moldes e formas homogêneas do pensamento, visto que isso deporia contra a própria natureza humana e social. Neste sentido, Moita Lopes também observa que, em 1997, Rampton já apontava para a necessidade de uma LA com “espaço aberto” e “com múltiplos centros” e que é retomada por este e por outros pesquisadores na publicação de Moita Lopes (2006).

Assim, para Rampton (1997 e 2006) e Moita Lopes (2006), uma “LA unificada e coesa” seria incoerente, como já tem demonstrado ser a LA Modernista, com uma realidade que se caracteriza exatamente por ser o inverso dessas perspectivas, apresentando-se desunificada e fragmentada. Portanto, uma LA que esteja em constante estado de autorreflexão vem a ser bem mais coerente com dita realidade. Imbuído dessas preocupações, Pennycook, desde 1998, já defendia e valorizava uma LA crítica:

Considerando que também proponho o desenvolvimento dos meios que conduzem às críticas transformadoras, tentarei mostrar como o que chamo de *pós-modernismo com princípios* pode nos ajudar a percorrer, num primeiro momento, o caminho em direção à *Linguística Aplicada Crítica*. Portanto, argumentarei a favor de uma abordagem crítica para a Linguística Aplicada que seja mais sensível às preocupações sociais, culturais e políticas do que a maioria dos trabalhos nessa área tem demonstrado ser. (PENNYCOOK, 1998, p. 25)

Também nos serve de suporte e endosso a sua indicação, em 2006, para uma LA crítica (LAC) como prática problematizadora:

Entendo a LAC como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo fixo de conhecimento. Em vez de ver a LAC como uma nova forma de conhecimento interdisciplinar, prefiro compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador. Isso quer dizer não somente que a LAC implica um modelo híbrido de pesquisa e práxis, mas também que gera algo que é muito mais dinâmico. (PENNYCOOK, 2006, p. 67)

O caráter transgressor que esse autor vê na LAC é no sentido em que transgride não só os limites da LA do século XX, mas que também busca transgredir outras fronteiras do conhecimento tradicionalmente implantadas pelas cercas disciplinares,

transgredindo também os limites do pensamento, impostos por políticas e teorias tradicionais. Por isso é que ele aponta para a formalização de uma LA transgressiva.

A relação que Pennycook estabelece entre a LA transgressiva e as práticas problematizadoras diz respeito a uma indicação para permanente insatisfação por parte da LAC, que nunca deve deixar de questionar, inclusive a sua própria autoconcepção. A LA deve trabalhar com a constituição do sujeito por meio do discurso, por isso a necessidade de uma atitude de constante reflexão na produção do conhecimento, uma vez que todo sujeito é sempre múltiplo e conflitante. E, para acompanhar tamanha multiplicidade, é preciso estar em permanente reformulação e revisão dos conceitos.

A LA contemporânea, mestiça, pós-moderna, pós-colonialista, transgressiva, anormal, conforme denominações recentes desses estudos, pretende ir além da LA modernista do século XX, que pensava a pesquisa isolada da vida social. De fato, com tantas pendências sociais a serem pensadas e solucionadas, é inadmissível que se faça pesquisa por fazer, que se elaborem dissertações de Mestrado ou teses de Doutorado para simplesmente fazer jus ao respectivo título e em seguida guardar a produção na estante; e também que se publiquem livros ou artigos com o objetivo único de acumular títulos e pontos perante o mundo acadêmico. Não se pode consumir tempo e dinheiro (público, na maioria das vezes) em experiências científicas se não forem em prol de melhorar a saúde, a educação, as relações humanas, o trabalho, promovendo uma sobrevivência digna para todos. Assim, a LA anormal tem pensado o sentido de fazer ciência, teorizando a partir dos problemas e necessidades de cada sujeito, de cada local; e, para tanto, não serve uma LA coesa, única, homogênea, cuja teoria não acompanhe a prática. Coincidem com tais considerações todos os que se propõem a fazer LA contemporânea, INdisciplinar, transgressiva, o que é possível constatar nas palavras de Fabrício (2006), que também toma partido nesse projeto ousado e justo de construção do conhecimento:

Não devemos almejar o saber pelo saber, ou a invenção pela invenção, deslocados de compromissos éticos. Não devemos, tampouco, nos relacionar com o conhecimento que produzimos como “captura” teórica do “real”. Embora tecnicidades analíticas sejam parte necessária de nossas pesquisas, elas não deveriam se converter em mera atividade técnico-cognitiva: nossas construções devem objetivar uma vida melhor (ideia explicitada no trabalho de vários autores anteriormente mencionados, como, por exemplo, Pennycook, Moita Lopes, e Chouliaraki & Fairclough). (FABRICIO, 2006, p. 62)

Assim sendo, no mundo de hoje, não dá mais para pensar a LA como aplicação de teorias linguísticas para resolver problemas surgidos no processo de ensinar/aprender línguas, dentro do espaço restrito da sala de aula. “A LA precisa repensar o próprio lugar da teoria e não continuar esperando em vão” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 165) por teorias prontas para serem aplicadas. E assim, espera-se que a LAC avance cada vez mais, e contamine, de forma positiva, o espaço mundial de pesquisas relacionadas com o ensino/aprendizagem de línguas e suas implicações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C. P.** O Ensino de Línguas no Brasil de 1978. E Agora? In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Volume 1, No. 1, 2001, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p.15-29.
- FABRICIO, B. F.** Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: **MOITA LOPES, L. P. Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FERNÁNDEZ, Francisco.** (Ed.) **Pasado, presente y futuro de la lingüística aplicada**: actas del III Congreso Nacional de Lingüística Aplicada, Valencia: AESLA, 1986.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, M.** (coord.) **Avances en lingüística aplicada**. Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1996.
- GARCÍA CANCLINI, N.** **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 1997.
- GARCÍA, O.** Lenguas e identidades en mundos hispanohablantes: desde una posición plurilingüe y minoritaria. In: **LACORTE, M.** (coord.) **Lingüística aplicada del Español**. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.
- KUMARADIVELU, B.** A linguística aplicada na era da globalização. In: **MOITA LOPES, L. P. Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LACORTE, M.** (coord.) **Lingüística aplicada del Español**. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.
- MOITA LOPES, L. P.** **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PENNYCOOK, A.** Uma linguística aplicada transgressiva. In: **MOITA LOPES, L. P. Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PENNYCOOK, A.** A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: **SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada . In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.